

400.
SEGUNDA PARTE
DA
RELACAM
DO
TRIVMPHO

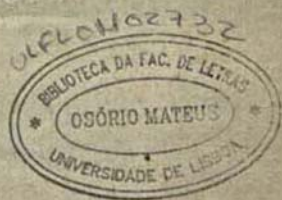
QUE FEZ ACIDADE DE LISBOA,

QUANDO OS MONARCAS
de Portugal foraõ á S. Sè
desta Corte.

Com noticia dos arcos triumphaes.

Por

Sebastião de Affonseca, & Payva, Freire Conventual
do Convento Real de Palmela, da Ordem de Sanct-Iago
da Espada, & Mestre da Cappella no Hospital Real
de todos os Santos.



L I S B O A.

Na Officina de DOMINGOS CARNEYRO.

M. DC. LXXX. VII.

Com todas as licenças necessarias.

SEGVN...
DI

REBELA...
DO

PRIV...
ONE TWO...

QUANDO OS MONAR...
de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

de Portugal...

SYLVA SEGUNDA.



SEGUNDA parte prometti senhores,
 E em empenhos mayores,
 Neste instante me vejo;
 Mas se póde admittirse o meu desejo;
 Desempenhado fico,
 Pois sempre de desejos fui mui rico,
 E em tão gostoso empenho,
 Applausos mil a mil de todos tenho,
 Que em assumpto, & materia tão selesta,
 He a pena mais tosca, a mais discreta.
 Era Sabbado o mais devoto dia,
 Dia que em toda a parte he de Maria,
 E amanhecendo então claro, & fermoso;
 Bem mostrou ser em tudo portentoso,
 Fervia a gente toda,
 Aqui o coche, alli a seje roda,
 E em coche o Sol correndo pellos ares,
 Este dia abrafou com foes apares,
 Lançou libré lustrosa,
 Por outra esfera ver mais luminosa.
 Todo o tambor então se fez em rachas,
 Era verdade tudo, & tudo caxas,
 E entre alegre rumor, & eccos velozes,
 Aqui se ouvia o tiro, alli as vozes,
 Toda a rua se armou de prima classe
 Que ouvindo tanto tiro, he bem se armasse,
 Preparouse o triumpho,
 E a gente pellas ruas, & janellas,
 Esperava o Sol ver, com as Estrellas,

E era tal o alvoroço, & alegria,
 Que houve quem vio a Estrella ao meyo dia,
 Mas na hora terceira,
 O triumpho fahio desta maneira.

Por entre Infantes mil da ordenança,
 (Que em bem vistofas alas,
 Trajava cada hum, bem ricas galas,
 E os cabos taõ custofos se ostentavaõ,
 Que sobre si o Poto si levavaõ.)
 Com sonorofo tom quatro trombetas,
 Vinhaõ diante, em tudo taõ selectas,
 Que em docil uniaõ todas toca vaõ,
 E o triumpho mais feliz appellidavaõ;
 Que hoje a fama por montes, grutas, rocas,
 O triumpho appellidou por quatro bocas.

Seguiaõse as folias muy vistofas,
 E a de Monte Lavar fatal folia,
 Em voltas com o tambor se desfazia,
 E com ricos toantes,
 Sonadilhas cantavaõ bem galantes.

Faziaõ doce bulha,
 As meninas de Alfama, & da Pampulha;
 Hia o Zangaralheiro muy contente,
 Fazendo muita festa com o seu pente:
 Os das espadas, fuliões famofos,
 Valentemente airofos,
 Cada qual nesta entrada,
 Applausos leva á ponta alli da espada.

Vinha a dança dos Mouros,
 E dançando cada hum, hũa mourisca,
 De Portugal quer ser, de Argel se risca,
 E folia taõ bella,
 Que entre todas as mais só triumphava ella.

Puderaõ ser doce enveja,
Se estas eras alcançaffem.

Do ouro os ourives tinhaõ
O Monte Ida, & feu valle,
Donde Venus por fermosa,
Logrou a maçaã de Paris.

Tinha fontes, tinha bosques,
Flores, frutos, rios, tanques,
Cuja descripçaõ tem sido,
Recreo de engenhos grandes.

O arco quinto corria,
Por conta dos Alfayates,
Que em ser de quem passa a linha,
Pudera estar sobre os mares.

Feito á agulha parecia,
Com muitas flores tomates,
Que hoje as flores estrangeiras,
Daõ ás Portuguezas mate.

Sexto arco sobre a fonte,
Hoje os esparteiros fazem,
Que he parto de feu amor,
E de feu cabedal parte.

Jesus, Maria, Joseph,
Tinha em si, rica Trindade,
Aquem postrados veneraõ,
Do luzo as tres Magestades.

Arco settimo fizeraõ.

Os Belgas, & taõ notavel,
Que vello em taõ rico dia,
Naõ tinha que ver mais Flandes.

O triumpho oitavo dedicaõ
Com custo consideravel,
Da Cidade os mercadores,

Que sempre caprichar sabem.
 De Portugal os Reys todos
 Estavaõ com versos graves,
 Tendo em si prata ás arrõbas,
 Tendo em si ouro aos arrates.

Dos vinhateiros o nono,
 Foy do pelourinho realce,
 Donde em Portugal se via,
 Novo Imperio começar-se.

Todos os Reys tambem tinha.
 Com epithetos notaveis,
 Donde pacifico Pedro,
 Intitulava a verdade.

Os Carpinteiros fizeraõ
 Hum arco taõ arrogante,
 Que aquelles que eraõ luzidos,
 Lhe naõ leváraõ ventagem.

Saõ Joseph emcima estava,
 Carpinteiro de tal arte,
 Que com seu trabalho pode
 Sustentar hum Deos taõ grande.

Lá junto da Magdalena,
 Estava muito agradavel,
 O dos Ourives da prata,
 Com caprichoso remate.

Na volta, o dos çapateiros,
 Naõ tinha cousa notavel,
 Mas nada desmerecia,
 Dos mais que o concurso aplaude.

O dos Cirieiros teve,
 Extremos que reparar-se,
 Da porta do ferro o duro,
 Do brando da cera o grave.

Parreiras tinha tão ricas,
 Que não sabia julgar-se,
 Se era o boal como cera,
 Se de cera o camarate.

A porta de Santo Antonio.
 De bordados, & volantes,
 Os armadores fizeraõ,
 Tambem seu arco triumphante.

Este foy donde o Coelho,
 Mostrou com discreta fraze,
 O fino de seu juizo,
 Em bem composta language.

Com doctissima elegancia,
 Fez pratica ás Magestades,
 Porém como impressa corre,
 Escusa aqui relatar-se.

No taboleiro da Sé,
 Fez França vistoso alarde,
 Que escolhida ao taboleiro,
 Foy sempre a sua amisade;
 Magestoso ornato ostenta,
 O frontespicio notavel,
 Tão alto que lá com os finos,
 Quiz que o Sol o visitasse.

Apeouse a Corte toda,
 E viraõse as Magestades,
 Como focs os grãos medindo,
 Daquella esfera de jaspe.

Levaraõ do palio as varas,
 Os Vereadores da Cidade,
 Mas não passaraõ da porta,
 Esperando que tornasse.

Entráraõ dentro no Templo,

E fica á porta o Romance;
 Porque a Sylva por mais nobre,
 Melhor cortejalos sabe.

Foy a porta do Templo o Oriente,
 Donde tres soes se viraõ juntamente,
 Nascendo para Deos sempre devotos,
 Guardando leys, sacrificando votos.

O Prelado chegou com alegria
 E logo executou hũa obra pia,
 Agua benta lhe deu, que na verdade,
 Aceitou cada hum com humildade;
 Que a fumiçaõ nos Reys, se em Deos se apura,
 Não abate, antes sobe a mór altura.

Outro palio esperava os Reys supremos
 Que o Cabido levava

E com capa de asperges o esperava,
 E o Christo milagroso,

Que obraço despregou prodigioso,
 Noutra funçaõ notavel,

(E até agora ficou taõ memoravel)
 Em semelhante dia,

A porta esperar vem Pedro, & Maria,
 E direi (mas não fei se isto he aggravado)
 Que por tal Rosa ver, deixou o cravo.

Os cantores melhores,
 Com vozes superiores,
 O Te Deum entoáraõ,
 E tres soes adoráraõ
 Aquelle Sol Divino,
 Sobre tres almofadas de ouro fino,
 Atraz da Cruz que o Deaõ levava,
 Mesmo dentro do palio os Reys se viaõ,
 Que devotos a Cruz de Deos seguiaõ;

Outra de curucheos, que impertinentes,
 Senão trazem pefar, vem penitentes;
 De caretas tambem vinha outra dança,
 Mas para a descreuer a pena cança,
 Pintalla defejara,
 Mas temo que qualquer me faya cara.

Sahio de páos em outra dança o triumpho,
 Tendo quatro metaes como baralha
 Toda aquella farfalha,
 Quando na dança páos, ouros nas opas,
 As espadas nas mãos, nos chapeos copas.

As dançadeiras, de ouro guarnecidas,
 E as figanas tambem mui bem vestidas,
 Que perigosa estava a visinhança,
 Siganas donde ha ouro he bem má dança;
 Mas em taõ feliz dia,
 Não reyna a ambição reyna a alegria,
 E bailando, & cantando em toda a praça,
 Era gosto o rumor, & a bulha graça.

Vinhaõ certos Ministros
 Com affeyo sublime
 Não digo quais, porque dizello he crime,
 E com tal galhardia,
 Que ás varas o seu garbo se media.

Os porteiros da maça,
 Se puzeraõ na praça
 Este dia felice
 Com muita prata, & muita bisarria,
 E tudo aquillo ás costas lhe cahia.

Os Reys de armas vistosamente ornados,
 Ganhavaõ mil abonos seus agrados
 E nos numeros seus, & armas divinas,
 Elles quadernas saõ, as armas quinas.

Corregedores dous do Crime, & Corte,
 Brilhantes, & vistosos de tal forte,
 Que ainda cuido he deydouro,
 Dizer que eraõ as becas minas de ouro;
 Em dous brutos montados,
 Cavalleiros taõ bons, como letrados.

Sincoenta & tres carroças,
 Taõ ricas, & vistosas,
 Hũa a hũa rodando gravemente
 Admirandose a gente,
 De ver a Fidalguia,
 Que se vestio de luzes este dia,
 E viose muitas vezes,
 Com terem muita força os Portugueses,
 Fidalgo taõ custoso (& póde crese)
 Que em pé estar naõ podia, nem moverse.

Depois destas carroças,
 Entre fieis archeiros,
 Dentro de hum monte de ouro, tres luzeiros,
 Tres Soes, ou tres Deidades,
 E vinhaõ finalmente as Magestades.

Quem vio tanta grandesa?
 Quem pode penetrar tanta belleza?
 A vista se cegou naquelle instante,
 De ver tanto brilhar tanto diamante,
 E tanta fermosura.

Do mundo luz, de Portugal ventura.
 Vestiafe nesta aula magestosa,
 De corte o Cravo, de encarnado a Rosa,
 A Açucena de branco,
 Aos assombros deixando o campo franco,
 Prendendo os alvedrios,
 Eraõ de gosto alli os olhos rios,

Eraõ os peitos fogo,
 Eraõ de amor, os vivas de fogo.
 As damas se seguiaõ,
 Estrellas que seguindo as luzes hiaõ,
 De tres claros planetas,
 Em ver ditosas, em seguir discretas,
 Adonde a fermosura,
 Em seus rostos fez voto de clausura,
 Estrella cada hũa era do norte,
 Pois com guardas as vio toda esta Corte.
 Os arcos foraõ vendo,
 E certo que pintallos naõ pretendo,
 Mais que o numero delles,
 E sera hum Romance o seu Apelles,
 Porque fora rudeza,
 Querer tirar o lustre a tal grandesa,
 Com querer relatallos;
 Pois era cada hum (o mundo crea)
 Pasmos da vista, admiração da idea.

R O M A N C E .

Grandefas quero escrever
 Neste pequeno romance,
 Que ás vezes se pinta hum dedo,
 Para mostrar hum gigante.
 Para o triumpho mais regio,
 Que viraõ nossas idades,
 Prepare pasmos a idea,
 A vista assombros prepare.
 Convocaraõse os officios
 Por amor, & por lealdade,
 E foy todo o seu empenho,
 Seu amor desempenhar-se.
 Desafete arcos triunfaes

Se fizeraõ na Cidade,
 Para a funçaõ mais heroica,
 Do amor, & da Magestade.

Na tanoaria estava,
 O primeiro, & com tal arte,
 Que sendo de Santo Antaõ
 Naõ metia medos grandes.

Era dos Atafoneiros,
 E com singularidade,
 Que estava para os cubertos,
 Naõ sendo de titulares.

O segundo de Italianos.
 A vozes diz o remate,
 Porque na fimalha tinha,
 A tiara com as chaves.

Ideas tinha sublimes,
 E emblemas mui relevantes,
 Romano capricho em tudo,
 Obra dorica, & notavel.

Lá para a calcetaria,
 Outro se via flamante,
 E por ser de confeiteiros,
 Engenho tinha que farte.

Tinha Saõ Miguel emfima,
 Mas o grifo naõ se sabe,
 Senaõ he pellas balanças,
 Se ha com tal gosto pesares.

O quarto dos moedeiros,
 Mais adiante se applaude,
 Que em toda a parte a moeda,
 Sempre teve a melhor parte.

Donde pinturas se viaõ,
 Que de Zeufis, & Timantes,

E em quanto este concurso caminhava,
 O Orgão o Te Deum acompanhava.
 Entráraõ na Cappella,
 E parecião bem tres flores nella,
 Sendo perpetua o Imperial obgeito
 Rosa a Princefa, & Pedro amor perfeito.
 Postrados todos do Prelado a benção,
 Devotos aceitáraõ,
 E em oração ficáraõ,
 Em quanto a filva com curiosa gala,
 A armação vay ver para contala.
 Por baixo estava do Coro,
 Hum jardim de flores bellas,
 Que muitas vezes a arte,
 Obra como naturefa.
 Intrincados laberintos,
 De matizes de ouro, & seda.
 Tinha, donde qualquer vista
 Se se não perde, se enlea.
 Entre finas bordaduras.
 Se viaõ ricas fenefas,
 Donde em franjões bem tecidos,
 O ouro estava em madexas.
 Por entretidos volantes
 Se viaõ ricas palhetas,
 Fique de ré toda a vista,
 Que isto só cabe na idea.
 As columnas non plus ultra
 Pudera ser qualquer dellas,
 Adonde em pannos se viaõ,
 Triumphos da Romana Igreja.
 Pellas varandas em torno,
 As cortinas são taõ densas

Que pôde em outra função
Ornar-se o mundo com ellas.

Em galés o tecto estava,
E as naves com muita seda
Que de galés, & de naves,
Armada era a Igreja.

No luzeiro reposteiros,
As Magestades supremas,
Servião, mostrando que he
Lustroso ornato a obediencia.

Dos Soufas as armas tinhão,
Porém ainda assim com ellas,
Com serem taõ finas armas,
Não sentio a vista offensa.

Dentro da Capella estava
Hũa alegre primavera
Porque era hum rico jardim
Todo o tecto da Cappella.

Conheceo a flor a vista
Foy fazer-se Anacoreta,
Admirando em dous sepulcros,
Mais que o pavor, a grandesa.

De Vicente, & Affonso quarto,
Hũa, & outra urna era,
A mão esquerda o bom Rey,
E Vicente á mão direita.

No altar, que estava hum Ceo,
Se via a Mãe da pureza,
Levada por mãos dos Anjos,
Lá para a morada eterna.

Depois de feita oração,
Com devota reverencia,
O Cabido de Lisboa

As mãos dos Monarcas beija.
 Sahirão do Templo, & todos,
 Nas carroças se meterão,
 A tempo que visitava
 Apolo o Deos das baleas.
 Ao pelourinho chegarão,
 E virão de Ingalaterra,
 O empenho mais custoso,
 No arco triumphal que ostenta.
 Emfima tinha São Jorge,
 E em pintura bem selecta,
 De hũa parte Affonso Henriques,
 De outra parte a gente Inglesa.
 Estava Lisboa livre
 Da fugeição Sarracena,
 Nascendo lá para o Ceo
 Os que morrerão na guerra.
 Outro estava dos barbeiros,
 Em modo de fortaleza,
 Lá no terreiro do paço
 Com seus redu ctos, & ameas.
 Seguia-se o de Alemanha,
 Raro affombro das ideas
 Coroando o Emperador,
 Aquella máquina excelsa.
 Seis Eleitores á roda,
 E as Cidades mais selectas
 Daquelle Imperio pintadas,
 Com mui diferetos emblemas.
 Armada toda em redondo,
 Estava a praça de sedas,
 Os terços pagos no meyo,
 E muito pagos das festas.



Lustrosos cabos, & illustres
 Esta milícia governão,
 Duque, Marquez, Baraõ, Conde,
 E infantes a soldadesca.

A cavallaria estava
 Com bem vistosas fileiras,
 E o Tenente, & Comissario
 Luzidos sem competencia.

Derão repetidas cargas,
 E aquella praça soberba
 Quiz passar praça de humilde,
 A vista de tal grandesa.

Os palanques ostentavão
 Branco ornato de madeira,
 Donde esperava o concurso,
 Ver tres foes em breve esfera.

Chegou a noite a ver triumpho taõ alto,
 E o dia se ficou de luzes falto,
 Que por ver ausentarse o magestoso,
 Deixou por esta vez o luminoso;
 E a gente com pesar, & alegria,
 Sentia a noite, & celebrava o dia;
 Querendo áquella hora,
 Que o Sol falisse, & que nascesse a Aurora;
 Só por lograr em luzes repetidas
 Em hum Sol, & dous astros tres mil vidas,
 Passando a noite, quando mais suspirão,
 Em contar pasmos, que seus olhos virão,
 E em desvellos amantes,
 Com que amor se recrea,
 Qualquer em pintor, de sua idea,
 Sossiegou tudo, & o rumor ausente,
 O silencio ficou, & foise a gente.

LAUS DEO.